

O MITO DE GLAUCO: SALTO INICIÁTICO, PURIFICAÇÃO E UMA ATORMENTADA IMORTALIDADE

Ana Livia Bomfim Vieira*

Résumé

Cet article se propose de discuter quelques questions associées au mythe de Glaucus le pêcheur. Il analyse notamment l'ambivalence inhérente à sa condition d'immortel et l'association que nous pouvons construire entre la figure de Glaucus et l'identité liée aux pêcheurs athéniens de la période classique.

Mots-clé: Athènes Classique; Glaucus; Ambivalence; Pêcheur.

Resumo

Este artigo se propõe a discutir algumas questões ligadas ao mito de Glauco, o pescador. Ele analisa notadamente a ambivalência inerente a sua condição de imortal e a associação que podemos construir entre a figura de Glauco e a identidade associada aos pescadores atenienses no período clássico.

Palavras-chave: Atenas Clássica; Glauco; Ambivalência; Pescador.

Na tese de Doutorado, recém defendida na UFRJ, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Neyde Theml (UFRJ) e da Prof^a. Dr^a. Liliane Bodson (ULG), intitulada “Os pescadores atenienses: a *métis* da ambivalência na Atenas do período clássico”, defendemos a hipótese de que os pescadores atenienses do período clássico possuíam um estatuto social ambivalente. Formavam um grupo social sobre o qual era lançado um olhar de desconfiança por parte da comunidade. Esta desconfiança decorria de vários fatores, entre eles, o trânsito constante entre espaços diferentes e contrários: terra/mar, campo/cidade, mar/montanhas, etc.; um saber prático – *métis* – próprio a eles, que exigia destes homens uma astúcia na realização de suas atividades

* Professora adjunta de História Antiga do Departamento de História da Uema.

que, se propiciava o sucesso na pesca, não era bem vista pelo corpo social; o local onde realizavam suas atividades também tinha um papel relevante na construção desta identidade ambivalente. O mar era o lugar da ambivalência por excelência. Caminho para conquistas, fonte de alimento, era também um meio desconhecido, perigoso. Significava ao mesmo tempo vitória e derrota, vida e morte. E, além disso, estava associado a uma série de divindades tão ambivalentes quanto ele. Nem todas as divindades marinhas eram cultuadas pelos pescadores, e outras o eram sem serem marinhas.

O que podemos observar é que os pescadores foram “contaminados” por um verdadeiro estado de ambivalência ligado intrinsecamente ao meio no qual realizavam a pesca.

As divindades marinhas de forma geral apresentavam características que alimentavam esta imagem do mar. Eram divindades ora calmas e acolhedoras, indo em ajuda dos homens do mar (Nereu), ora desconfiadas, raivosas, vingativas, causando medo e mortes (Poseidon, Proteu, Triton). Havia mesmo aquelas que não se ligavam de maneira automática ao elemento marinho, mas que eram também cultuadas como tal (Ártemis, que tinha por seus domínios além de florestas e montanhas, riachos, rios e mares, e Afrodite, a nascida do mar).

Não nos aprofundaremos nas questões relativas às divindades marinhas como um todo. Escolhemos para tal o mito de Glauco,¹ pois é prioritariamente a partir deste personagem que é possível compreender algumas questões ligadas à ambivalência dos pescadores.

Glauco teria sido um pescador² da cidade beócia de Antédon, filho de Antédon (fundador da cidade) e Alcione ou de Poseidon e uma Naiade.

Nascido mortal, Glauco percebe que alguns dos peixes³ capturados por ele, ao entrar em contato com uma erva, ganhavam vida novamente. Ele então come dessa erva mágica e se torna imortal (*athánatos*). Contudo, ao mesmo tempo que Glauco passa a ser imortal, ele não se torna *agheraos*, ou seja, ele não fica liberto da velhice. Furioso (*emmanés*) com o seu novo estado, ele se joga do alto de um rochedo⁴ no mar (EURÍPIDES. *Orestes*. V.318). Quando emerge, ele havia se transformado em uma divindade marinha (*thalassios daímon*), portanto, imortal (*daímon athánatos*) (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmento 54b) e ganha, como outras divindades ligadas ao mar, o dom da profecia:

O adivinho dos homens do mar me anunciou tudo do meio das ondas, o profeta Glauco, deus verdadeiro; e, tendo aparecido para mim, ele me disse isto: – Ménelaos, seu irmão está morto; ele caiu morto no banho supremo preparado por sua mulher (EURÍPIDES. **Orestes**. vv.358; 362-364; ver também APOLÔNIO DE RODES. **Argonáuticas**. I, v.1310a).

O relato de Glauco pescador por vezes se confunde com um outro, o de Glauco filho de Sísifo (ATENEU. **Deipnosophistas**. VII, 296; PAUSANIAS. **Descrição da Grécia**. III, 21, 7). Este, herdeiro do trono da futura Corinto, se joga na fonte da imortalidade, mas, como não conseguia fazer com que os outros acreditassem em sua imortalidade – *athanasía* –, é jogado – *eriphé* – ao mar por Zeus, para que provasse sua imortalidade (OVÍDIO. **Metamorfoses**. XIII, 900; XIV, 75; APOLÔNIO DE RODES. **Argonáuticas**. I, 1310a). Torna-se, então, a divindade marinha conhecida como Glauco.

A transformação de mortal a imortal, a imagem envelhecida para sempre, o salto que marca sua mudança, são características comuns aos dois relatos. A principal diferença encontrada reside em como o deus Glauco de cada versão vai lidar com o seu poder de profetizar.

Segundo Marinella Corsano, a diferença entre “ser jogado ao mar” e “jogar-se” ao mar marcava os dois caminhos tomados por esses personagens no processo de divinização (CORSANO, 1992, p. 16-19). Glauco de Antédon, mesmo sentindo-se desesperado e furioso por não ter ganho, com a imortalidade, a juventude eterna garantida aos deuses, joga-se ao mar como um ato voluntário. Sua transformação dá-se por buscar, ativamente, alguma mudança. É claro que sabemos que tudo que acontece é por vontade dos deuses, mas, nesse caso, Glauco ganha a possibilidade de acreditar em uma ação “independente”. Portanto, quando retorna como deus marinho (tendo mesmo adquirido uma forma bastante semelhante às outras divindades marinhas), transforma-se em uma divindade benfazeja, que aparece para predizer os perigos, para ajudar (EURÍPEDES. **Orestes**. 362). Uma vez pertencente a esse novo universo, torna-se familiar de Nereu, considerado muitas vezes seu “porta-voz”.⁵ Glauco de Antédon era, portanto, uma divindade querida.

Glauco de Corinto, ao contrário, quando é jogado do rochedo ao mar, sofre uma ação direta da vontade de Zeus. Para que pudesse provar sua

imortalidade, foi preciso jogá-lo ao mar. Ele não teve escolha, ele não o fez por vontade própria. A decisão divina, no seu caso, foi muito mais explícita. Neste caso, Glauco é muito mais submetido ao juízo divino e, por isso, a cada ano, quando faz um turno pela costa e pelas ilhas, profetiza somente desgraças. É um deus taciturno, rancoroso – por não ter “escolhido” sua condição –, temido, de quem os homens procuram se afastar para evitar suas predições.

Consideramos que os dois relatos falam de um mesmo mito (DEFORGE, 1986, p.303-304). Podemos observar que o cerne é conservado nas duas tradições, principalmente o mergulho, considerado o ponto-chave para a transformação do personagem em um deus (CORSANO, 1992, p.23). Contudo, como podemos perceber que ambos os relatos se confundem, construindo a imagem de um único Glauco marinho, concluímos que o uso de um ou outro, que a escolha entre um Glauco benfazejo e um Glauco hostil é relativa ao contexto em que ele é tido como necessário. Nas narrativas heróicas, o Glauco gentil aparece (Eurípedes o coloca aparecendo a Menelau, dobrando o cabo de Maleia, quando da volta à Tróia. Ele anuncia a morte de Agamêmnon). Quando é o Glauco pescador que aparece, é com medo e temor que é mencionado.⁶ Portanto, o que concluímos é que os dois relatos são absolutamente confundidos.

O Glauco que os pescadores e navegadores conheciam era um antigo pescador tornado deus, mas inconformado com sua nova situação. Uma divindade rancorosa e que todos honravam, para não ter que encontrá-lo.

Uma primeira questão sobre Glauco é quanto a sua aparência adquirida após o mergulho decisivo.

Assim como os pescadores, Glauco carregava marcas peculiares no seu corpo, que o expunham a um olhar de estranheza. Os pescadores eram mencionados nos textos como homens “usados pelo mar”, “gastos pelo mar”, com um corpo rude, que sinalizava claramente a sua ocupação.

É célebre o relato de Platão sobre o estado da alma, quando usa a figura do deus:

Agora que dissemos sobre ela, é verdade, quanto ao seu estado atual. Nós vimos-la seguramente num estado comparável ao de Glauco marinho. Quem o vir, não reconhecerá facilmente a sua natureza

primitiva, devido ao fato de, das partes antigas do seu corpo, umas se terem quebrado, outras estarem gastas, e todas deterioradas pelas ondas, ao passo que outras se sobrepueram nelas – conchas, algas ou seixos -, de tal modo que se assemelha mais a qualquer animal do que ao seu antigo aspecto natural (PLATÃO. A República. X, 611c-d).

Para Ésquilo, que sabemos ter escrito um drama satírico chamado “Glauco Marinho” (*Glaukos pontios*), do qual nos restam apenas fragmentos⁷, ele era um monstro (*thauma*) com face e dorso humanos, mas com cauda de peixe da cintura para baixo (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmentos 53-65, 714),⁸ “uma besta selvagem (*Therion*) de aparência humana” (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmento 57), “com a barba espessa” (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmento 58), com o corpo “incrustado de conchas de mariscos e ostras” (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmento 59).

Portanto, como toda divindade ligada ao meio marinho e aos pecadores, Glauco possui uma imagem ambivalente. Sua cauda de peixe e seu corpo repleto de vestígios do mar, como disse Platão, o transformavam em um ser diferente daquele homem que ele havia sido. Mas também não era um animal. E, no caso das divindades marinhas, essa imagem limítrofe, que por si só já garantia um lugar ambivalente e de desconfiança, era envolta de um segundo aspecto negativo, pois o animal, com o qual a parte humana do deus dividia o corpo, era um peixe. E os peixes, e os animais marinhos de uma forma geral, não eram considerados seres exatamente interessantes. Eram seres desconhecidos da grande maioria, já que habitavam um espaço desconhecido e berço de tantos mitos e deuses dúbios e complexos. Assim, no caso das divindades marinhas, e Glauco em particular, a ambivalência negativa de dava em *status* – homem/animal – e em forma – homem/peixe.

Mas o personagem Glauco possui outros lados a serem explorados.

Ele pode ser confundido com outras divindades marinhas chamadas de os “velhos do mar”, divindades primordiais como Proteu, Nereu e Triton, todos também meio homem, meio peixe (DEFORGE, 1986, p.308-313). Com Triton, Glauco divide, ainda, outras características. Ambos são dotados do dom da profecia e são, ao mesmo tempo, divindades boas e más. Contudo, tratemos da questão do dom profético em Glauco, pois consideramos que a diferença primordial se encontra aí. E essa diferença é que transforma Glauco em um personagem tão interessante para pensarmos o estatuto do pescador.

Como vimos, Glauco possuía um duplo aspecto para suas profecias. Tanto aparecia para ajudar quanto para predizer catástrofes. A questão principal está neste segundo aspecto. Triton, mesmo sendo uma divindade benfazeja e malfazeja ao mesmo tempo, realiza seu poder profético com retidão. Sua bondade com os homens justos é inesgotável (APOLÔNIO DE RODES. *Argonauticas*. IV, 1552; HERÓDOTO. *Histórias*. IV, 179). É temido mais pela sua força (VIRGÍLIO. *Eneida*. VI, 171), pois representa, ou personifica, o lado bravo e barulhento do mar, do que por ser um deus dado a desmandos.

Glauco, condenado a errar pelas costas, mares e ilhas, carregando o peso da velhice eterna, não contente com sua condição, é o profeta das desgraças. É desta forma que os pescadores percebem Glauco. Ele é, aos olhos deles, um velho triste, amargo, que com suas aparições prediz apenas catástrofes. Ele não é somente um profeta, de quem pescadores esperam ouvir a verdade sobre o que se passará. Eles sabem que ele nunca traz boas novas (ATENEU. *Deipnosophistas*. VII, 296). Além disso, a idéia de que Glauco procura se vingar daqueles que não acreditavam em sua imortalidade parece ser bastante presente na relação entre pescadores e Glauco. Mais do que temido, ele era evitado. Glauco era honrado, para que se mantivesse distante.

Glauco, uma vez por ano, visitava os mares, todas as ilhas, todas as costas, quando se podiam ouvir suas lamentações em forma de ondas e ventos que anunciavam problemas vindouros. Pescadores temiam ser testemunhas desta visita. Portanto, agachados em seus barcos, realizavam preces e sacrifícios, para que nada lhes acontecesse. E quando escapavam das tormentas, encontramos referências de oferenda de um pedaço de seus cabelos, já que não possuíam nenhuma outra coisa (LUCIAN. *Antologia Palatina*. VI, 164).

A relação entre Glauco e os pescadores era como sua própria divindade, incompleta. Glauco recebe a imortalidade, mas, ou por não poder prová-la ou por não se tornar jovem e belo, transforma-se em um deus atormentado. Não é mais humano, mas também não é um deus no pleno sentido do termo. Por ser imortal, não pode conviver com os homens, embora seu aspecto envelhecido lhe confira um caráter humano.

Este deus ambivalente, portanto, desenvolve com os pescadores, ou eles com o deus, uma relação de ambivalência também. É preciso honrá-lo, para afastá-lo. Enquanto as outras divindades marinhas, por mais bravias

sejam elas, são honradas para que apaziguem as águas, por exemplo, Glauco é a tormenta em pessoa. É ele que deve ser afastado para longe, com seus oráculos e lamentações funestas.

Quando se transforma em deus, após se tornar imortal, Glauco ganha o poder em potencial de se relacionar com os homens, seus adoradores. Contudo, isso não ocorre. Em uma sociedade do olhar, onde se reconhece o outro e a si mesmo no “olho no olho”, pescadores e Glauco não se vêem. Quando se escondem em seus barcos para não verem o deus, estão procurando também não serem vistos por ele. A relação, então, fica incompleta. Ambos isolados, cada um de seu lado. Glauco, como deus marinho, traz à sua gente desgraça e medo.

Mas, lembremos que Glauco, para esses homens e para a comunidade políade era, na sua forma humana, um pescador.

Em outros tempos, todavia, eu não era mais que um simples mortal. Mas, acostumado ao reino de Poseidon, eu me exercitava desde muito tempo sobre suas bordas. Umás vezes, eu arrastava sobre a areia minhas redes cheias de peixes; outras vezes, armado de uma longa vara, e sentado sobre um rochedo, eu dirigia o anzol sobre as ondas (OVÍDIO. Metamorfoses. XIII, 917).

Quando dissemos que ele atrai para a sua gente desgraça e medo, é para os pescadores em particular, mas também para a sociedade como um todo. Glauco carrega o fardo de ser uma divindade portadora da desventura. E tal característica é passível de contaminar todo o corpo social.

Podemos entender, portanto, por que os pescadores carregariam sobre seus ombros um fardo também. Os pescadores teriam sobre eles um olhar de desconfiança e medo muito associado às divindades ligadas a eles, principalmente Glauco. Possivelmente, eles eram vistos também como portadores de desgraças ou problemas. Daí o isolamento ser um dado presente tanto no mito de Glauco quanto na vida dos pescadores que estavam bastante isolados da vida social da *pólis*. Isolamento e distanciamento são palavras-chave para entendermos a relação pescadores/Glauco, mas também pescadores/comunidade políade.

Outro aspecto interessante é o salto no mar que proporciona a Glauco sua divinização. Segundo Jeanmaire (1939, p.298, 324, 337 e 444-450) e

Deforge (1986, p. 308-313), o salto de Glauco estaria inserido em uma tradição de salto com valor iniciático e de purificação⁹. O salto representaria um mergulho no “outro mundo”, no mundo dos deuses, um rito de passagem a um outro estágio, estágio este que, pelo poder purificador da água, era o da imortalidade divina. Glauco, segundo Ésquilo, havia dito aos pescadores: “*Eu lavei meu corpo em bons banhos*” (ÉSQUILO. **Glauco marinho**. Fragmento 64). Para Ovídio, Glauco deveria se lavar em *cem águas correntes* (OVÍDIO. **Metamorfoses**. XIII, 949-955) para que se livrasse do que havia nele de mortal.

O que podemos observar é, contudo, que o mergulho para Glauco não concretiza, verdadeira e completamente, nenhuma das duas promessas. Como valor iniciático, o salto traz a Glauco uma divindade incompleta, um corpo velho, gasto pela idade e pelo mar; como valor de purificação, o salto diviniza, porém cria uma entidade atormentada, funesta, que, embora tenha se banhado em “águas primordiais” (RUDHARDT, 1971, p. 94-101), continua carregando o que havia nele de mortal, porém mais atormentado. O salto de Glauco, na nossa concepção, não inicia completamente, nem purifica verdadeiramente, criando uma divindade portadora de desgraças. Se Glauco era um pescador e não pôde ser purificado completamente com o contato com a água, por que os pescadores, simples mortais, o seriam?

Objetivamos com esse trabalho levantar algumas questões sobre o mito de Glauco marinho, compreendendo paralelamente este personagem como uma personificação divina da ambivalência inerente às divindades marinhas mas, principalmente, aos pescadores.

Documentação escrita

APOLÔNIO DE RODES. **Argonautiques**. t. III, livro IV. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

ATENEU. **Les Deipnosophistes**. v.I e II. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

ÉSQUILO. **Agamemnon, Libation-Bearers, Eumenides, Fragments**. v. II. London: William Heinemann, 1995. (Loeb Classical Library)

EURÍPIDES. **Théâtre Complet**. Paris: GF- Flammarion, vol. I e II, 1989.

HERÓDOTO. **Histoires**. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

HESÍODO. **Théogonie**. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

- OVÍDIO. **Les Métamorphoses**. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- PAUSANIAS. **Description de la Grèce**. Paris: Les Belles Lettres, 1998/2000.
- PLATÃO. **La République**. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. Campinas: Ateliê Editorial – UNICAMP, 2005.
- WALTZ, P. (trad.). **Anthologie Palatine**. (tomo I ao IV). Paris: Les Belles Lettres, 1931.

Bibliografia

- BLOCH, R. Les dieux de la mer dans l'antiquité classique. *In*: ACTES DU III CONGRÈS INTERNATIONAL D'ÉTUDES DES CULTURES DE MÉDITERRANÉE OCCIDENTALE (Jerba, 1980). **L'homme méditerranéen et la mer**. Alger: Société Nationale d'Édition et de Diffusion, 1981.
- BLOCH, R. Quelques remarques sur Poseidon, Neptune et Nethunus. *In*: BLOCH, R. (Org.). **D'Héraklès à Poseidon. Mythologie et protohistoire**. Paris: Librairie Champion, 1985, p. 125-139.
- BRIQUEL, D. Vieux de la mer grecs et descendant des eaux indo-européen. *In*: BLOCH, R. (Org.). **D'Héraklès à Poseidon. Mythologie et protohistoire**. Paris: Librairie Champion, 1985.
- CORSANO, M. **Glaukos. Miti greci di personaggi omonimi**. Roma: Ateneo, 1992.
- DEFORGE, B. Le destin de Glaucos ou l'immortalité par les plantes. *In*: JOUAN, F. (Ed.). **Visages du destin dans les mythologies. Mélanges Jacqueline Duchemin**. (Actes du colloque de Chantilly, 1-2 mai). Paris: Les Belles lettres, 1980.
- DEFORGE, B. **Eschyle, Poète cosmique**. Paris: Les Belles Lettres, 1986.
- DE WITE, J. Le dieu marin Glaucus. **Révue Archéologique**. Paris: A. Leleux, 2. parte, 1975.
- JACQUEMIN, A. La marine. *In*: PROST, F. (Org.) **Armées et sociétés de la Grèce classique. Aspects sociaux et politiques de la guerre aux Vème. et Ivème. siècles av. J.-C.** Paris: Éditions Errance, 1999.
- JEANMAIRE, H. **Couroi et courètes. Essai sur l'éducation spartiate et sur les rites d'adolescence dans l'antiquité hellénique**. Lille: Bibliothèque Universitaire, 1939.

- PALADINO, I. Glaukos, o l'inelittabilità della morte. In: **Studi e materiali di storia delle religioni**. II 2, 1978.
- RUDHARDT, J. **Le thème de l'eau primordiale dans la mythologie grecque**. Berne: Librairie Droz, 1971.
- RUDHARDT, J. **Du mythe, de la religion grecque et de la compréhension d'autrui**. Genève: Librairie Droz, 1981.
- SÉCHAN, L. Légendes grecques de la mer. **Bulletin de l'Association Guillaume Budé**. Supplément Lettres d'Humanité, tomo XIV. Paris: Les Belles Lettres, 1955.
- VAN DEN BRUWAENE, M. La mythologie de Glaucus dans l'ode I, 7 d'Horace. In: **Hommages à Joseph Bidez et à Franz Cumont**. Bruxelles: Latomus, 1949, p. 339-346.
- VIDAL-NAQUET, P. Bêtes, hommes et dieux chez les Grecs. In: POLIAKOV, L. (Org.) **Hommes et bêtes. Entretiens sur le racisme**. Paris: La Haye, 1975, p. 129-142.
- VIAN, F. Les géants de la mer. **Revue Archéologique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1944, tomo XXI, p. 97-117.
- VINET, E. Recherches et conjectures sur le mythe de Glaucus et de Scylla. **Annali dell'Istituto di corrispondenza archeologica**. Tomo XV, Roma: a spese dell'Istituto, 1843.
- WILLETTS, R. F. The myth of Glaukos and the Cycle of Birth and Death. **Klio**. Berlin: Akademie-Verlag, vol. 37, 1959.

Notas

¹ Existiam pelo menos quatro personagens, todos chamados Glauco: o filho de Antenor que ajuda Paris a raptar Helena; Glauco, filho de Hipóloco e neto de Belerofonte e que lutava, como o anterior, ao lado dos troianos (HOMERO. *Ilíada*. VI, 154.); Glauco, filho de Mínos, e Glauco, filho de Sísifo, que herda o trono de Éfira, futura Corinto. Sobre este último existem tradições que mencionam um relato mítico que, em parte, se confunde com o mito de Glauco, o pescador.

² Ou um caçador, segundo uma tradição menos aceita.

³ Havia um peixe que levava seu nome (ATENEU. *Deipnosophistas*. II, 68; XV, 23).

⁴ Que se chamava, segundo Pausanias, "O salto de Glauco" (PAUSANIAS. *Descrição da Grécia*. IX, 22, 6).

⁵ Ele prediz para Hércules o seu glorioso destino (APOLÔNIO DE RODES. **Argonáuticas**. I, 1310 a).

⁶ Além disso, Marinella Corsano lembra, com propriedade, que Glauco de Corinto pode ser lido como uma alegoria do mau governante, que com más ações, com o desrespeito à *dike* (já que ele costumava se vingar dos homens – nos quais ele via sempre aqueles que não acreditaram em sua imortalidade – com predições de catástrofes nem sempre verdadeiras) traria desgraças e tristezas ao seu povo (HESÍODO. **Teogonia**. 219-247). Além disso, observam-se duas tradições míticas a respeito de comportamentos oraculares: uma positiva; outra negativa, porém existente. Logo, como é uma ameaça, precisa ser conhecida. É preciso que entremos em contato com ela para controlá-la (CORSANO, 1992, p. 29).

⁷ Ésquilo escreveu, ao que se sabe, três dramas satíricos sobre três Glaucos diferentes: o pescador de Antédon, **Glauco marinho**; o filho de Sísifo, **Glauco de Potnies**; e o filho de Minos, sobre o qual resta apenas um fragmento, **Os Cretenses**.

⁸ Alguns outros autores nos permitem conhecer um pouco mais essa peça: PAUSANIAS. **Descrição da Grécia**. 9, 22, 5-7; ATENEU. **Deipnosophistas**. 7, 295b-297c; 12, 522f; 15, 679a; OVÍDIO. **Metamorfoses**. VII, 232-233; XIII, 898-968; XIV, 1-74.

⁹ A mitologia apresenta alguns deles: o salto no mar de Dionisos criança; o salto de Ino; o mergulho de Teseu até o reino de Poseidon, que seria seu pai (justificava aos atenienses sua supremacia marítima), etc.